

OS FENÔMENOS DO ESTRANHO e DO DUPLO e a TEORIA DO PENSAMENTO COMPLEXO

Daniela Yglesias

Edgar Morin (1982/1999), grande articulador do paradigma do pensamento complexo, defende que o conhecimento deve abarcar a multidimensionalidade do fenômeno estudado e propõe o abandono de um tipo de explicação linear por outra que envolva movimento e circularidade. A unidade da complexidade é composta por elementos que se entrecruzam e entrelaçam, o que reintroduz a incerteza e a indeterminação no conhecimento que anteriormente buscava a conquista da certeza absoluta. A desordem traz a angústia da incerteza diante do incontrolável e do indeterminado. Morin defende que um universo estritamente determinista, que fosse exclusivamente ordem, seria um universo sem devir. O objetivo do conhecimento dentro do paradigma da teoria do pensamento complexo é dialogar com o mundo e não descobrir seu segredo. O observador, dentro desse referencial, deve se integrar na concepção e observação do fenômeno que tenta explicar. O princípio discursivo complexo comporta a associação de noções complementares, concorrentes e antagônicas. Essa proposta de modelo de ciência se aproxima da Psicanálise que tem o conceito de inconsciente como um dos seus postulados centrais que se caracteriza

pela atemporalidade, pelo princípio da não contradição e da substituição da realidade externa pela psíquica, conforme proposto por Freud (1915/2010). O conhecimento produzido pela Psicanálise assume as características de seu objeto, o inconsciente.

Freud (1919/2010) ressalta que em geral a estética se ocupa das qualidades da positividade, do belo, do sublime e menos da negatividade, do que é repulsivo e doloroso. O inquietante, conforme a tradução de Paulo César de Souza, da Companhia das Letras, para a expressão do alemão “*das unheimliche*”, trata-se de uma qualidade do sentir associada ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror. Constitui-se em uma experiência de percepção de algo como sinistro e lúgubre, que nos deixa desarmados, que é vivido como horripilante, demoníaco e angustiante.

A palavra *heimlich* traz a ideia do familiar, aconchegado enquanto *unheimlich* aponta para o que era escondido, mantido oculto. *Heimlich* como local livre de fantasmas, o que nos faz pensar que seu oposto seria um local tomado por fantasias. A palavra “*das unheimliche*” como oposto de “*heimlich*” poderia nos levar a conclusão de que algo é assustador exatamente por não ser conhecido e familiar. Contudo, Freud acentua

a pouca determinação da expressão “*das unheimliche*” de modo que há um deslizamento para algo que é assustador, mas que remonta ao que era muito conhecido, ao bastante familiar. O inquietante como algo que deveria ser mantido em segredo, mas reapareceu. O inquietante, conforme proposto por Freud, é também representado por uma experiência de indeterminação entre o conflito pela angústia e pelo desejo infantil. Aquilo que poderia parecer uma contradição é apenas uma complexidade própria do inconsciente em que os conteúdos aparecem em condensações e deslocamentos.

Freud (1919/2010) defende que a literatura que provoca esse efeito inquietante produz em nós uma experiência de incerteza, que não nos possibilita saber se estamos sendo levados ao mundo real, ou a um mundo de fantasias. Essa literatura nos surpreende com o inquietante quando nos promete a realidade e depois a ultrapassa. Nesse sentido, tal literatura se aproxima da experiência da análise em que somos convidados a mergulhar no universo narrativo do sujeito sem sabermos quais elementos são mais próximos da realidade, quais são da sua fantasia.

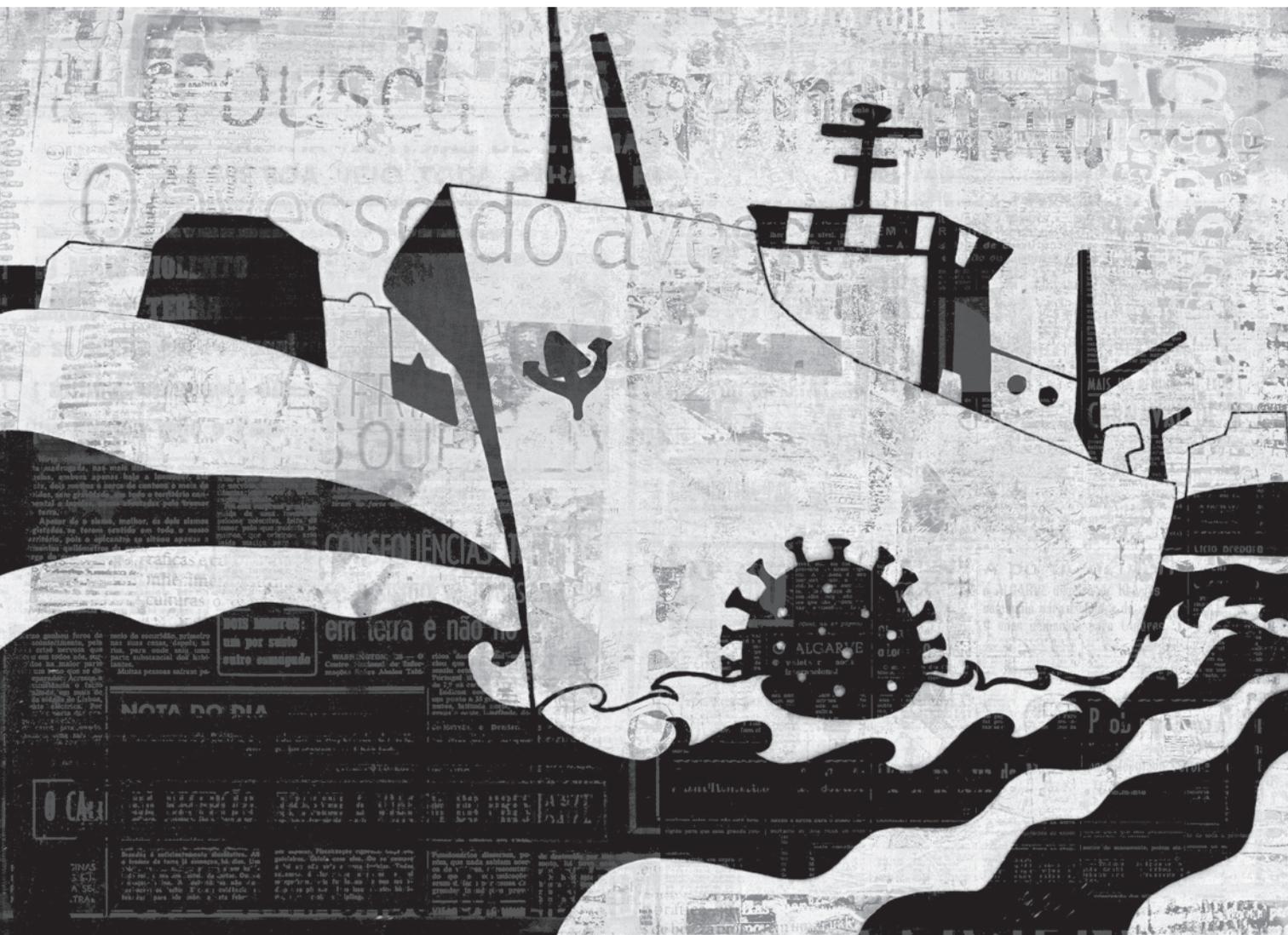
Freud (1919/2010) aborda a experiência do duplo como tendência a projetar para fora do Eu algo estranho, aquilo que não pode ser absorvido e processado. A experiência do duplo como regressão a um tempo em que o Eu ainda não se delimitava nitidamente em relação ao mundo externo e aos outros. É uma experiência de retorno não intencionado a uma sensação de desamparo e inquietude. Freud se pergunta nesse trabalho sobre o fator da repetição não deliberada que traz a experiência do inquietante como algo fatal, um destino demoníaco e inelutável.

O efeito inquietante do retorno do mesmo remonta à vida psíquica infantil e a primazia da compulsão à repetição vinda das pulsões. O inquietante como superestimação narcísica dos próprios processos psíquicos, com a onipotência dos pensamentos. O elemento angustiante como algo

reprimido que já foi familiar à psique que, tendo sido banido, retorna como alheio. Algo que deveria permanecer oculto, mas que ressurgiu, trazendo a marca da repressão. O efeito do inquietante é particularmente mais forte quando a fronteira da fantasia e realidade é apagada, quando vem ao encontro do real algo que era vivido como do mundo do fantástico. Produz-se “quando complexos infantis reprimidos são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas” (p. 371).

Freud analisa o fenômeno do duplo, do *sósia*, com suas diversas apresentações, como o surgimento de pessoas que pela aparência igual são consideradas idênticas, em que a vivência é de passagem de processos psíquicos de uma pessoa para outra, levando a identificação intensa com outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu, ou mesmo experimentar a duplicação, divisão ou permutação do Eu. Esse fenômeno emerge no território do ilimitado amor a si mesmo no narcisismo primário que domina a mente da criança, como também do homem primitivo. O fenômeno do duplo aparece sobre nova roupagem nos estágios de desenvolvimento posterior da libido. No Eu começa a se formar uma instância especial que serve à função de auto-observação e à autocrítica, que posteriormente Freud (1923) vai nomear como Super-Eu. Nos quadros em que predomina o delírio de estar sendo observado, essa instância torna-se isolada, dissociada do Eu e pode tratar o restante do Eu como um objeto. O conteúdo percebido como repugnante para a crítica do Eu pode ser incorporado ao duplo, como também todas as tendências do Eu que não puderam se impor devido a condições desfavoráveis.

Edgar Allan Poe apresenta em seu conto “*William Wilson*” a história de um jovem que se sente incomodado por um *sósia* cujas semelhanças, tanto físicas, como psíquicas, o inquietam. A descrição desse *sósia* pelo protagonista possibilita apreender a confusão entre realidade interna e externa. O narrador-protago-



nista do conto mostra-se perplexo com o fato dessa similaridade não ser percebida pelos outros, o que o deixa cada vez mais confuso, com uma sensação de indeterminação, o que é vivido também pelo leitor. “(...) *secretamente percebia que tinha medo dele e não conseguia parar de pensar na facilidade com que se mostrava o meu igual, uma prova de sua verdadeira superioridade; ao passo que para mim mesmo era uma luta constante impedir que algum outro me superasse. Todavia essa superioridade – ou mesmo essa igualdade – não era reconhecida por ninguém, exceto por mim mesmo; nossos colegas, devido a algum tipo inexplicável de cegueira, não pareciam sequer suspeitar.*

(...)”. A narrativa desse conto apresenta essa perspectiva de circularidade, que marca o funcionamento do inconsciente.

“(…) descobri, ou achei que tinha descoberto, em sua pronúncia, na sua atitude e em seu aspecto geral, alguma coisa que primeiro me espantou e a seguir interessou-me profundamente, trazendo-me à lembrança visões obscuras de minha primeira infância – recordações vagas, confusas, mas avassaladoras de uma época em que minha própria memória ainda não havia nascido. Não sei de maneira melhor para descrever a sensação

que me oprimiu do que confessar que tive a maior dificuldade para afastar a crença de que tinha conhecido aquele ser parado junto a mim em uma época muito longínqua, algum ponto do nosso passado que me parecia infinitamente remoto. Todavia esta ilusão desvaneceu-se tão rapidamente quanto surgiu; (...)”.

Freud (1919/2010) finaliza esse lindo trabalho defendendo que o alto grau de inquietante estranheza que é próprio ao duplo está associado ao esforço defensivo que o projeta para fora do Eu algo estranho. O duplo pode ser uma criação de um tempo remoto em que aqueles elementos faziam parte do Eu. Trata-se de uma regressão a um tempo em que o Eu não se delimitava claramente em relação ao mundo externo e aos outros.

Bion (1967), em seu texto sobre “o gêmeo imaginário”, descreve processos psíquicos inconscientes em que o sujeito busca aliviar-se da ansiedade usando o outro como personificação da parte de si da qual gostaria de se dissociar. A projeção, a integração e o splitting são utilizados pelo Eu para livrar-se de partes da personalidade percebidas como insuportáveis. O processo de análise possibilita o desenvolvimento no analisando da capacidade para reunir várias partes splitadas de si, especialmente com a reintegração do ódio na relação com o analista. O gêmeo imaginário como retorno das relações primitivas e como expressão da sua inabilidade para tolerar um objeto que não está inteiramente sobre seu controle. A função do gêmeo imaginário como tentativa de negar a realidade diferente de si através da criação personificada das partes da mente splitadas. A necessidade de negar a realidade externa coexiste com a inabilidade de tolerar a realidade interna e grande quantidade de trabalho tem que ser feito para aumentar a tolerância.

A psicanálise é uma ciência que pode ser abarcada pelo referencial do pensamento complexo em que a convivência dos

contrários, o princípio da indeterminação e a lógica da circularidade do fenômeno, sempre em movimento e em transformação, a caracteriza, pois essa é a natureza do seu objeto: o inconsciente.

Referências

- Bion, W. (1967). The imaginary twin. In W. Bion, *Second thoughts* (pp. 03-23). Karnac.
- Freud, S. (2010). O Inconsciente. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914-1916). (Trad. Paulo César de Souza). (v. 12, pp. 99-150). Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1915.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos*. (1917-1920). (Trad. Paulo César de Souza). (v. 14, pp. 328-376). Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1919.
- Morin, E. (1999). *Ciência com consciência*. (Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória). Bertrand Brasil. Trabalho original publicado em 1982.
- Poe, E. A. (2018) William Wilson. In E. A. Poe, *A carta roubada e outras histórias de crime e mistério*. (Trad. William Lagos). (v. 331). L&PM Pocket. Trabalho original publicado em 1839.



Daniela Yglesias é membra associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília, psicóloga (USP), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB).